

CAMINHANDO COM¹ PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS: UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA NA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Carvalho, Keli Cristina da Silva Jesus²

Marques, Mariana Botelho Rodrigues³

Silva, Maria Horrana Fonseca da⁴

Soares, Luciana Loyola Madeira⁵

28

RESUMO

Neste PIC (Projeto de Iniciação Científica) realizado em 2021 partimos da constatação da ausência de conteúdos pedagógicos e de práticas de estágio acerca dos estudos das deficiências na graduação em Psicologia no Centro Universitário Celso Lisboa. Pautamo-nos no ‘modelo social’ – campo de conhecimento e práticas multidisciplinares, crítica e politicamente posicionado com outros movimentos sociais. Convocamos as(os) estudantes a implicar-se com esse tema para sua formação como futuras(os) psicólogas(os). Nossa fundamentação teórico-metodológica é a Teoria Ator-Rede e os estudos de Débora Diniz e Márcia Moraes. Utilizamos a metodologia interventiva de ‘Rodas de Conversa’ em plataformas de Internet com discentes da Psicologia da Celso Lisboa.

Palavras-chave: Estudos das deficiências. Práticas psicológicas. Graduação em Psicologia. Inclusão. Pandemia.

INTRODUÇÃO

Este Projeto de Iniciação Científica, como parte do PIM Celso (Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário Celso Lisboa) realizado e finalizado em 2021, constitui-se de pesquisa sênior qualitativa. O interesse no tema surgiu a partir da constatação da docente orientadora acerca da ausência de conteúdos pedagógicos referentes aos recentes estudos das deficiências na graduação em Psicologia. A inscrição para atendimento psicológico no SPA (Serviço de Psicologia Aplicada) da Celso Lisboa de um homem de 53 anos com Síndrome de Down promoveu no grupo de estagiárias(os) sob a supervisão da docente questionamentos e inquietações que indicaram o desconhecimento de como lidar com essa pessoa. Foi possível constatar

¹ Ver Moraes, M., 2010

² Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Celso Lisboa

³ Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Celso Lisboa

⁴ Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Celso Lisboa

⁵ Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Celso Lisboa; Doutora em Psicologia Social

manifestações de noções distorcidas e preconceituosas nessas(es) estagiárias(os), o que apontou para relevância de se desenvolver uma pesquisa interventiva que problematizasse a atitude da(o) estudante e da(o) psicóloga(o) junto às pessoas com deficiência. Três alunas pesquisadoras participaram de todas as etapas.

OBJETIVOS

Visamos focalizar o interesse e a disponibilidade de estudantes de Psicologia diante das múltiplas possibilidades de atenção psicológica a uma pessoa com deficiência. Pretendemos convocar as(os) estudantes a implicar-se com a relevância do tema das pessoas com deficiência para sua formação como futuras(os) psicólogas(os), fazendo proliferar interesses, estudos e práticas psicológicas. Com esse projeto tivemos o propósito de fomentar a curiosidade científica e a prática da escrita acadêmica nas alunas pesquisadoras.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diferentemente das práticas corponormativas e capacitistas que constituem o chamado ‘modelo médico’ de atenção às pessoas com deficiências, pautamo-nos no ‘modelo social’ – campo de conhecimento e práticas multidisciplinares, crítica e politicamente posicionado com estudos feministas, movimentos antirracistas e movimentos LGBTQIA+. Apoiamo-nos teoricamente nos estudos da deficiência de Débora Diniz, Márcia Moraes, Anahí Mello, dentre outras(os) contemporâneas(os) pesquisadoras(es) brasileiras(os).

METODOLOGIA

Nossa fundamentação metodológica é a Teoria Ator-Rede [TAR], de Bruno Latour. De acordo com a TAR, as(os) actantes são fazedoras(es) de percursos singulares que não precisam ser generalizados, mas sim, destacados como ‘única história’ (ADICHIE, 2009) de sua experiência com a deficiência. Como não pretendemos escrever uma página de ‘história única’ acerca das pessoas com deficiências, seguimos as(os) actantes e o que participam do PIC. Isso incluiu as participantes – coordenadora e

alunas pesquisadoras – como actantes também. Seguindo na TAR, priorizamos efeitos e afetações e não resultados quantificáveis.

Utilizamos a metodologia interventiva de ‘Rodas de Conversa’ em plataformas de Internet com discentes da Psicologia para problematização do tema deste estudo, a partir das perguntas disparadoras: ‘O que é deficiência?’; ‘Pessoas com deficiência fazem parte da formação de psicólogas(os)?’; ‘Que práticas psicológicas podem ser realizadas com pessoas com deficiência?’; ‘Como pessoas com deficiências são afetadas pelos efeitos da pandemia?’.

Realizamos cinco rodas de conversa ao longo do ano, com coordenação desta docente e das alunas pesquisadoras; houve, em média, de 20 a 30 participantes em cada uma delas. A divulgação foi feita pelas redes sociais da Celso Lisboa e das participantes do PIC. Utilizamos vídeos e notícias de jornais que destacavam temas alusivos ao capacitismo, sendo protagonizados e produzidos por pessoas com deficiências.

Dentro da perspectiva “Nada sobre nós, sem nós” – expressão que enfatiza a relevância da participação ativa das pessoas com deficiência em debates e ações voltados para suas necessidades de inclusão social e educacional – contamos com a aproximação de alunas do curso de Psicologia da Celso Lisboa que são mulheres com deficiências, com um atleta paralímpico medalhista e uma psicóloga, também mulher com deficiência, sendo que estes dois últimos compareceram a nosso convite.

RESULTADOS/EFEITOS

Estava prevista a realização de entrevistas com pessoas com deficiências, porém, observamos que estava faltando incluí-las nas rodas de conversas, pois de outra maneira, estaríamos nos afastando do ‘Nada sobre nós, sem nós’ e, portanto, afastando-nos da perspectiva inclusiva pretendida. Consideramos que isso foi um efeito do dispositivo em nós, actantes pesquisadoras orientadas na TAR: caminharCOM as(os) pesquisadas(os), caminhando pelo viés das mútuas afetações, refazendo a rota a cada momento que se fazia necessário.

No decurso do projeto problematizamos os efeitos e afetações promovidos nas(os) diferentes actantes, já sendo percebido desde as primeiras rodas de conversas o aumento do interesse pelos estudos das deficiências pelas(os) estudantes, assim como o engendramento de realidades acadêmicas mais sensíveis à temática da inclusão.

Constatamos mudanças nas atitudes e falas das(os) discentes concernentes ao tema do PIC, de modo que consideramos que os objetivos de provocar implicação discente, produzindo deslocamentos e afetações foram alcançados. A aproximação espontânea das alunas com deficiência se deu a partir da reverberação das primeiras rodas de conversas nas turmas do curso de Psicologia da Celso Lisboa – isso foi por nós entendido como um efeito reticular do projeto. As pessoas convidadas igualmente manifestaram disponibilidade e interesse em voltar a futuras ‘Rodas de Conversa’. É imprescindível mencionar que a docente e as alunas pesquisadoras se afetaram e se transformaram no percurso do PIC, o que também fez parte dos efeitos esperados. Discentes também expressaram o pedido de que continuássemos com as rodas de conversas em 2022, pois perceberam que há muito mais a estudar, pensar e se afetar juntos quanto ao tema deste PIC.

Reunimos o material obtido nas ‘Rodas de Conversa’ destacando os aspectos aqui mencionados e problematizando-os, sem tomar como viés a prevalência como dado para validação dos conteúdos. A partir desse levantamento, relacionaremos esse material com a literatura científica adotada como fundamentação teórica para a produção do artigo que consta na proposta apresentada para a realização deste projeto.

Cabe assinalar que este projeto de iniciação científica nos trouxe também a confirmação da eficácia do dispositivo ‘Roda de Conversa’ como prática de estudo, pesquisa e intervenção em Psicologia Social, a partir de um não hierarquizado e democrático encontro pela palavra.

Este PIC foi apresentado por todas nós pesquisadoras em agosto de 2021 na Mostra de Práticas Psicológicas do CRP RJ, assim como nos dois Encontros Acadêmicos do Centro Universitário Celso Lisboa desse mesmo ano.

Finalizamos indicando que nossa caminhada não foi apenas COM as pessoas com deficiência; vivenciamos uma bem-sucedida caminhadaCOM todos os actantes que foram afetados e se incluíram neste percurso, fortalecendo o movimento da luta anticapacitista.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Trad. Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DINIZ, D. **O que é deficiência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012. Coleção Primeiros Passos 324.

DINIZ, D.; MEDEIROS, M.; SQUINCA, F. Reflexões sobre a versão em português da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 23(10):2507-2510, out, 2007.

LATOUR, B. **Reagregando o Social. Uma introdução à teoria Ator-Rede**. Trad. Gilson C. C. de Souza. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012.

MELLO, A. G. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, 21(10):3265-3276, 2016.

MORAES, M. O. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: Moraes, M. e Kastrup, V. (orgs.) **Exercícios de Ver e não Ver – arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

MORAES, M. O.; MARTINS, B. S.; FONTES, F.; MASCARENHAS, L. T. (orgs.) **Deficiência em questão: para uma crise da normalidade**. Rio de Janeiro: Nau, 2017. Formato: e-book.

CRIAÇÃO DE MATERIAL PARA TRATAMENTO DA DOR ON-LINE

Afonso, Carolina Coutinho⁶

Carvalho, Vitor Brambilla⁷

Magioli, Paloma Benevenuto⁸

Mendonça, Mariana Emerenciano de⁹

Silva, Ana Tainara da Silva e¹⁰

33

RESUMO

O material para tratamento da dor on-line é um projeto de iniciação científica júnior criado com o intuito de promover a reabilitação de pacientes com dor crônica de forma remota. A criação desse conteúdo conta com o processo de educação em dor, abordagens comportamentais biopsicossociais e o tratamento remoto em dor.

Palavras-chave: Dor. Educação Online. Telereabilitação.

INTRODUÇÃO

‘Descomplicando a dor crônica’ é um projeto de iniciação científica júnior criado em 04 de janeiro de 2020 na cidade do Rio de Janeiro – Brasil, que surgiu através de um grande desejo de inserção dos alunos na pesquisa científica. A nossa orientadora, a Dra. Mariana Emerenciano de Mendonça, foi a nossa maior inspiração e apoio para o início desse trabalho, trazendo para todos os integrantes resultados bem proveitosos.

Entendemos que a necessidade em atuar com o público portador de dor crônica é fundamental, visto que a patologia possui incidência de 30 a 50% no mundo e 39% somente no Brasil (SOUZA *et al.*, 2017). Com o contexto da Covid-19, pudemos observar que os casos de dor crônica aumentaram em pessoas que trabalharam durante o período de pandemia em *home office* e em diversos indivíduos que

⁶ Graduanda do Curso de Fisioterapia do Centro Universitário Celso Lisboa

⁷ Fisioterapeuta graduado pelo Centro Universitário Celso Lisboa

⁸ Graduanda do Curso de Fisioterapia do Centro Universitário Celso Lisboa

⁹ Docente do Curso de Fisioterapia do Centro Universitário Celso Lisboa; Doutora em Neurociências e Comportamento

¹⁰ Fisioterapeuta graduada pelo Centro Universitário Celso Lisboa

deixaram de ter uma rotina mais ativa. Estratégias remotas de tratamento foram estruturadas pensando sobre esse contexto como algo inovador diante de uma era pandêmica (TALLAWY *et al.*, 2020).

METODOLOGIA

A realização do projeto foi elaborada com base em evidências científicas, através de buscas de artigos em plataformas como PEDro e PubMed. Levando em consideração os fatores biopsicossociais que levam ao crescente número de pessoas portadoras de dor crônica, nós, como alunos de Fisioterapia, adquirimos muito conhecimento com a nossa orientadora e fisioterapeuta sobre a educação em dor e a importância dos exercícios combinados com a terapia cognitiva comportamental para começarmos esse projeto. Os encontros foram realizados semanalmente pela plataforma *Teams*®, onde realizamos discussões acerca do projeto, e traçamos novas metas para elaboração dos materiais, apresentação dos alunos sobre questionários de dor e esclarecimentos de dúvidas sobre o projeto.

RESULTADOS

Visando inicialmente apenas à elaboração de um material online, o ano de 2021 foi dedicado à criação de estratégias de tratamento com enfoque em educação em dor através de questionários de dor, jogos, *podcasts*, vídeos e exercícios, sendo esse um material com linguagem facilitada para melhor entendimento dos pacientes portadores de doenças crônicas, com objetivo de reduzir a dor e seus sintomas associados.

As estratégias criadas foram dispostas em um *website*, cuja elaboração e implementação se deram em quatro semanas, sendo fornecido por nossa orientadora, a nós como alunos e participantes desse projeto, o suporte necessário para a correta realização das atividades, tendo como objetivo futuro a mensuração dos resultados coletados.

CONCLUSÃO

“O objetivo da educação em neurociência da dor é alterar as percepções de dor de um indivíduo para conceituar e reconfigurar a maneira como uma pessoa sente dor” (MARRIS *et al.*, 2021: 462). Seguindo esse conceito pretendemos continuar com o projeto nesse ano de 2022 e conseguir, através das estratégias elaboradas, modificar os padrões de comportamentos diante da dor crônica dessa população. No contexto atual em que vivemos o material online irá facilitar a adesão dos pacientes e conseqüentemente contribuirá para que mantenham uma melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, D. *et al.* **Prevalence of chronic pain in Brazil: systematic review.** Brazilian journal of pain, São Paulo, 257-266, 2021.

MARRIS, D. *et al.* **O impacto de combinar estratégias de educação em dor com intervenções de fisioterapia para pacientes com dor crônica: uma revisão sistemática e meta-análise de ensaios clínicos randomizados,** teoria e prática da fisioterapia, 37:4, 461-472- 2021.

TALLAWY, S. *et al.* **Pain management during the Covid-19 pandemic.** Pain therapy associates, United States, 1-14, 2020.

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: COMPREENSÃO (POLÍTICA) PEDAGÓGICA

*Lima, Milena Pereira dos Santos*¹¹

*Lino, Karen Lima*¹²

*Mól, Saraa César*¹³

*Vasconcelos, Jéssica de Moura*¹⁴

36

RESUMO

Este trabalho, fruto de pesquisa de iniciação científica associada à Escola de Formação de Professores do Centro Universitário Celso Lisboa (Edital PIC-2021), parte da problemática relacionada à associação do brincar ao salvacionismo da educação, reduzindo seus problemas a uma questão de método. Buscou compreender o lugar do brincar nas concepções pedagógicas contemporâneas, apresentando seus encontros e desencontros com uma concepção histórico-social de ludicidade. Numa abordagem qualitativa, lançou mão da pesquisa bibliográfica e documental. No contexto do neoprodutivismo, conclui-se que o brincar adquire um significado pragmatista e utilitarista, numa perspectiva contraposta à concepção histórico-social.

Palavras-chave: Brincar. Ludicidade. Concepção histórico-social. Concepções pedagógicas contemporâneas.

INTRODUÇÃO

Comumente observamos em documentos curriculares, ou mesmo em discursos diversos na sociedade civil, a ludicidade sendo apresentada no seio de métodos salvacionistas para os problemas da educação, como se esses fossem uma questão apenas de estratégia metodológica. Nesse contexto, a ludicidade é atrelada, ora à melhoria dos resultados de aprendizagem, ora à ampliação do interesse dos alunos pela escola, em ambos os casos individualizando o processo de aprendizagem e, em muitos deles, responsabilizando o professor e elementos intraescolares.

¹¹ Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Celso Lisboa

¹² Graduada em História pelo Centro Universitário Celso Lisboa

¹³ Docente da Escola de Formação Professores do Centro Universitário Celso Lisboa; Doutora em Educação

¹⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Celso Lisboa

Considerando que a função da escola revela um sujeito que busca ser formado para um tipo de sociedade, com determinados valores e compreensão sobre a educação, dependendo disso, são articulados determinados métodos, processos e procedimentos, visando a uma certa organização do processo de ensino.

O significado atribuído ao brincar, assim, nas políticas educacionais, depende dos elementos supracitados, sendo eles subjacentes às concepções pedagógicas que hegemonicamente pautam a educação em determinado momento histórico.

A partir da problemática enunciada, este trabalho, que é um recorte da referida pesquisa de iniciação científica desenvolvida, buscou compreender o lugar do brincar nas concepções pedagógicas contemporâneas, apresentando seus encontros e desencontros com uma concepção histórico-social de ludicidade.

METODOLOGIA

Numa abordagem qualitativa, os instrumentos de coleta de dados foram a pesquisa bibliográfica e a documental. A pesquisa bibliográfica lançou mão de estudiosos do tema e foi desenvolvida no bojo dos seguintes eixos: (1) concepções pedagógicas contemporâneas; (2) concepções do brincar; (3) o brincar na orientação curricular brasileira. No âmbito do terceiro eixo a pesquisa documental ancorou o estudo, que se baseou na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), no que tange à introdução do documento e ao Ensino Fundamental, bem como às competências específicas a serem desenvolvidas nesse segmento da Educação Básica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos subjacentes ao eixo 1, *concepções pedagógicas contemporâneas*, revelou que a função atribuída à escola no contexto das políticas educacionais contemporâneas é ajustada conforme as necessidades do capitalismo, forjando concepções pedagógicas que articulam valores, métodos, processos e procedimentos coerentes com a formação do trabalhador requerida, não sem disputas e contradições.

Sob a hegemonia do neoprodutivismo (SAVIANI, 2013), depreende-se uma formação humana a partir do neoescolanovismo, do neoconstrutivismo e do neotecnicismo. Para Motta (2012), a função da escola é atrelada às necessidades de ajuste do capitalismo, perpassando da inserção (década 1990) ao conformismo (década de 2000), ou seja, da educação para a competitividade à educação para o combate à pobreza (EVANGELISA; SHIROMA, 2006). Trata-se de uma educação eficiente para o alívio da pobreza, atrelada aos resultados educacionais conforme os méritos dos estudantes, mascarando as reais causas das desigualdades sociais (ZANARDINI, 2014).

Qual é o lugar do brincar nesse contexto? No bojo do eixo 2, *concepções do brincar*, depreendemos que numa sociedade de classes, há uma disputa em torno dos valores que atravessam os brinquedos, bem como quanto às normas e regras afeitas aos seus potenciais, havendo interesses em torno/a partir do brincar, o que é regulamentado pelas políticas educacionais.

No contexto da visão capitalista de produtividade, a ludicidade se coloca em oposição ao trabalho, sendo validada quando associada a um caráter utilitário, como meio para alcance de objetivos determinados (PEREIRA, 2016). Não à toa, na sociedade capitalista, a brinquedoteca, espaço de contradição, para além de espaço de reconhecimento do direito ao brincar, é associada ao controle da infância (PIASSA; MONTAGNINI, 2013). Assim, ao instaurar um conjunto de normas e regras quanto aos usos dos brinquedos e suas possibilidades, temos uma regulamentação que ‘orienta’ os sujeitos infantis (LIRA; DOMINICO; NUNES, 2019).

Assim, o brincar não é instintivo nem natural, mas é composto por operações e ações reais e sociais, executadas na própria ação de brincar (LEONTIEV, 2010). Como a relação de seres humanos historicamente caracterizados, a brincadeira é uma atividade teórica baseada no cotidiano, possibilitando a assimilação objetiva da realidade, com sua história e cultura (DA ROS, 1997).

Contrapondo a lógica instrumental do brincar, que coíbe a criatividade ontologicamente constitutiva do ser humano, àquela histórico-social, que possibilita o desvelamento do real, perguntamos: como a ludicidade emplaca na BNCC? No seio dos estudos sobre o eixo 3, *o brincar na orientação curricular brasileira*, é preciso considerar que o documento é balizado por uma pedagogia empresarial que tem como foco processos avaliativos meritocráticos, valorativos e padronizadores, que atendem a demandas do mercado de trabalho, ou seja, trata-se de uma educação para a adaptação (ANDRADE; NEVES; PICCININI, 2017)

Nesse sentido, a BNCC faz alusão a uma educação integral no sentido de “romper visões reducionistas que privilegiam a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva” (BRASIL, 2017: 14). Se nos remetemos aos grupos que pautaram hegemonicamente a concepção de educação presente na BNCC, depreendemos que a simples alusão a não separação dessas dimensões não sustenta uma educação integral emancipatória, que rompa com a função social atribuída à escola pública pelo empresariado.

Não à toa a dimensão afetiva é ressaltada, se consideramos que, sob a hegemonia do neoconstrutivismo e do neoescolanovismo (SAVIANI, 2013), a ênfase no desenvolvimento socioemocional tem sustentado uma concepção de educação para a adaptação social, à luz dos interesses empresariais afeitos à resiliência dos sujeitos formados pela escola pública.

A referida educação integral também é associada aos “interesses e às necessidades dos alunos” (p. 17) e ao desenvolvimento de “pessoas autônomas” (p. 17), o que coaduna com a importância de o aluno buscar conhecimentos por si próprio e ser capaz de “aprender a aprender” para adaptar-se ao imprevisível demandado pelo capitalismo, aspectos tão caros ao neoescolanovismo (SAVIANI, 2013). Trata-se da apropriação de uma reivindicação das massas (a autonomia dos estudantes), mas sob o viés da responsabilização.

Quando a BNCC aponta para a necessidade da “[...] indicação clara do que os alunos devem saber e, sobretudo, do que devem saber fazer como resultado de sua aprendizagem” (BRASIL, 2017: 13), podemos fazer alusão ao fundamento do neoconstrutivismo, no qual, para Saviani (2013), a fonte de conhecimento não está na percepção, mas na ação, bem como ao neotecnicismo, cuja preocupação centra-se no resultado do desempenho discente.

Interessante notar que, no que tange às competências específicas da área de Linguagens, de Língua Portuguesa, de Arte, de Educação Física, de Língua Inglesa, de Matemática, de Ciências da Natureza, de Ciências Humanas, de Geografia e de História, apenas nas relativas à Arte e à Educação Física a questão da ludicidade e das brincadeiras aparece explicitamente na BNCC. É importante questionar: por que não cabe a ludicidade nas competências das demais áreas e componentes? Será que é uma ‘perda de tempo’ o brincar no Ensino Fundamental?

Problematizamos a perspectiva de “experienciar a ludicidade” (BRASIL, 2017: 198) e de “utilizar, desfrutar e apreciar diferentes brincadeiras, jogos [...] (BRASIL, 2017: 223)”, tal como apresentada nas áreas de Arte e Educação Física respectivamente, já que, atrelada a competências apenas dessas áreas, revela-se como utilitarista, ligada a problemas do cotidiano em detrimento dos da prática social, o que descaracteriza o lúdico como atividade criativa num sentido histórico-social.

CONCLUSÕES

Os estudos realizados permitiram conceber que a perspectiva de valorização da ludicidade articulada à experiência cotidiana, ao utilitarismo, ao desfrute e à apreciação das brincadeiras e dos jogos, bem como à resolução de problemas, tal como posta na BNCC, coaduna-se com as perspectivas neoescolanovista, neotecnicista e neoconstrutivista, no seio das quais a prática social é reduzida ao cotidiano, ao imediato, de forma que o processo de ensino é flexibilizado, mas enfocado no resultado. O brincar é restrito a um método intraescolar para

resolução de problemas sociais e educacionais, bem como para melhoria do desempenho dos estudantes e para o despertar do interesse das crianças pela escola. É limitado em sua possibilidade de proporcionar a reelaboração das relações sociais no sentido do desvelamento do real, perpetuando seu mascaramento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C; NEVES, R. M. C; P. PICCININI, C. L. Base Nacional Comum Curricular: disputas ideológicas na educação nacional. In: Colóquio Internacional Marx e o Marxismo, 2017, Rio de Janeiro. **Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo**, 2017. Disponível em:

<http://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2017/anais2017/MC37/mc373.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

Acesso em: 15 dez. 2021.

DA ROS, S. Z. “Brincadeiras infantis e relações sociais”. **Perspectiva (Erexim)**, Florianópolis/SC, v. 1, n.22, p. 139-155. 1997. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10747/10262>. Acesso em: 15 dez. 2021.

EVANGELISTA, O.; SHIROMA, E. O. Educação para alívio da pobreza: novo tópico na agenda global. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 20, p. 43-54, 2006. Disponível em: [http://periodicos.puc-](http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/220)

[campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/220](http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/220). Acesso em: 13 dez. 2021.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 11a. edição. São Paulo: Ícone, 2010. p. 119-142.

LIRA, A. C. M.; DOMINICO, E.; NUNES, M. A. Crianças e brinquedos: uma relação inquestionável? **Revista HISTEDBR On-line**, v. 19, 2019, p. 1-17.

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8653568>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MOTTA, V. C. Ideologia do capital social: atribuindo uma face mais humana ao capital. 1. ed. Rio de Janeiro: **EDUERJ**, 2012. v. 1. 310p.

PEREIRA, L. H. P. Corporeidade e ludicidade nas séries iniciais do ensino fundamental: crenças, dúvidas e possibilidades. **EDUCAÇÃO (UFSM)**, v.40, p.

697-709, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/9225>. Acesso em: 15 dez. 2021.

PIASSA, Z. A. C.; MONTAGNINI, R. C.; Brinquedoteca: uma interpretação crítica desse espaço no contexto da sociedade capitalista. In: XI Congresso Nacional de Educação EDUCER. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba. 2013.

Anais do XI Congresso Nacional de Educação EDUCER. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 2013. Disponível em:

https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8134_6980.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 4. ed. Campinas: Autores. Associados, 2013. v. 1. 503p.

LUTO POR INFERTILIDADE: DA ELABORAÇÃO À CONSTRUÇÃO DA PARENTALIDADE ADOTIVA

*Cruz, Naiara Carolina*¹⁵

*Freitas, Anderson Luiz Torres de*¹⁶

*Sampaio, Débora da Silva*¹⁷

43

RESUMO

Este estudo busca elaborar um diálogo com o passado, o presente, e o futuro de mulheres que vivenciaram ou vivem experiências relacionadas a descoberta da infertilidade e o processo pela busca da parentalidade por meio da adoção. Para a elaboração deste material foram colhidos depoimentos de mulheres e que foram posteriormente usados para ilustrar o conteúdo científico apresentado. Esse estudo não é apenas sobre, ou para mulheres que enfrentam a infertilidade e o luto, mas para uma sociedade que busca compreender como a construção da parentalidade está permeada de tantas outras coisas que precisam ser investigadas, discutidas e elucidadas.

Palavras-chave: Construção parental. Luto. Infertilidade. Maternidade. Adoção.

INTRODUÇÃO

As construções sociais sobre o significado e símbolos da maternidade sofreram modificações a partir do século XVIII, sobretudo no que diz respeito à imagem da mulher e sua relação com a maternidade. Dessa forma, a atenção materna passou a ter como objeto privilegiado o bebê (MOURA, 2004). Embora muitos valores sobre o ser social da mulher tenham se desenhado, se reinventado, ajustado, ganhado voz, se estruturado, algumas crenças sociais sobre a idealização da maternidade ainda pairam com grande força no imaginário social. É como se a maternidade tivesse se tornado o único caminho para mulher ser plena e feliz, a realização da sua feminilidade. No imaginário social, o sacrifício pessoal da mulher passa a ser exaltado e bem visto pela sociedade, a abnegação das suas outras condições como mulher abrem espaço apenas para a vida como mãe.

¹⁵ Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Celso Lisboa

¹⁶ Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário Celso Lisboa

¹⁷ Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Celso Lisboa; Doutora em Psicologia

Diante de tudo isso, o tema da infertilidade feminina em nossa sociedade ainda é algo que carrega uma sombra muito densa de estigmas. Ademais, a mulher não divide o peso da infertilidade de forma igualitária com o homem. Mesmo sendo um casal, normalmente é nela que se levantam as primeiras suspeitas sobre a incapacidade de gerar, como podemos ver nos pensamentos de Modelli e Levy (2006):

Apesar de cada vez mais falarmos que o casal é a figura envolvida neste tratamento, é para a mulher que as atenções são dispensadas, com uma grande demanda de avaliações. Ao homem, cabe executar exames simples de espermograma para poder suspender a possibilidade de ozoospermia, ou baixa qualidade de esperma. Caso este exame resulte normal, fica o homem isento de qualquer ‘responsabilidade’ que justifique a dificuldade de engravidar. Cabe uma busca mais pormenorizada na mulher, mediante exames invasivos. (p. 52)

A descoberta da infertilidade na vida de uma mulher é um momento de luto, um processo que precisa ser vivido e elaborado por ela. O luto é um processo lento e doloroso, que pode envolver tristeza profunda, afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre o objeto perdido, a perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição para um novo objeto de amor (FREUD, 1915). A ideia de luto não está associada apenas ao conceito de morte, mas as perdas reais e simbólicas que o indivíduo enfrenta no decorrer da vida.

Após a descoberta da inviabilidade de gestar, a mulher pode passar a buscar algumas possibilidades para a construção de uma parentalidade, se esse for o seu desejo. O anseio pela parentalidade biológica costuma ainda fazer parte do imaginário de muitas mulheres, mesmo após a constatação da incapacidade de gerar pelos meios naturais. Por isso uma das primeiras buscas é pelas

reproduções assistidas, e a adoção costuma ser o passo seguinte, quando todas as possibilidades, ou energias do casal, se esgotaram para a reparação dessa impossibilidade biológica (WEBER, 2004).

MÉTODO

Participantes

Foram entrevistadas 3 mulheres cisgênero, habilitadas para adoção, e que estão aguardando na fila do Sistema Nacional de Adoção para a aproximação com a criança ou o adolescente. Para esta publicação, foram utilizados nomes fictícios, a fim de preservar a identidade das participantes.

Procedimento

As entrevistas foram realizadas pelos pesquisadores, por meio remoto, utilizando a plataforma *Google Meet*®. As participantes foram selecionadas a partir de contatos informais em diferentes redes sociais e, após apresentação da pesquisa, concordaram em participar assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O material transcrito foi submetido ao método de análise de conteúdo em sua vertente categorial temática, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelas entrevistadas aos fenômenos (BARDIN, 2011). Por meio da técnica categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, foi realizada uma “leitura flutuante”, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise. O ponto de saturação considerou a repetição dos temas que levaram às categorias.

Instrumentos

As entrevistas foram semiestruturadas e baseadas em um roteiro previamente delineado. Foram abordados temas como: vivência da parentalidade adotiva, O

tempo da espera, a solidão e a rede de apoio, intensificação dos conflitos na relação e luto pelo filho imaginado. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram obtidos a partir das entrevistas realizadas com mulheres cisgênero, habilitadas para adoção, e que estão aguardando na fila do Sistema Nacional de Adoção para a aproximação com a criança ou o adolescente, em comparativo com a literatura utilizada como referencial teórico. Após a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) do material das entrevistas, emergiram duas categorias: “A angústia da espera” e “A dor da obrigação social”.

Com relação à categoria “A angústia da espera” foi possível analisar, por meio das falas das entrevistadas, que a espera, da mesma forma que dá à mulher um tempo para organizar os seus sentimentos diante da realidade da infertilidade e da elaboração do luto bio-parental, também potencializa as expectativas dentro dessa gestação simbólica (LEVY *et al.*, 2009) que já vem carregada com muitas expectativas. O tempo que passa a carregar a espera se torna exaustivo e desafiador.

Com base na pesquisa de Mahl (2011), a busca por sanar o sentimento de solidão foi apontada como um dos elementos propulsores para a busca da maternidade. Sigal (2003) menciona que homens e mulheres, usam os filhos para projetar o que desejam, ou o que lhes faltam.

Já a categoria nomeada como “A dor da obrigação social” apontou que as representações sociais podem vir a se manifestar de formas um tanto quanto opressoras, inúmeras vezes na vida da mulher. Mas há de se ressaltar o agravamento das expectativas, quando se trata da representação mulher-mãe. O corpo feminino estéril é marcado de inúmeras formas pelas violações sociais, em

detrimento da individualidade e do período de enlutamento atravessado, acarretando distorções emocionais, afetivas e da autopercepção.

47

A partir das entrevistas, pudemos atentar para o fato de existirem dores para além do diagnóstico inicial de infertilidade, e como as pressões externas para se utilizar de alternativas a fim de esgotar os recursos para a gestação biológica são capazes de produzir sentimentos desagradáveis quando não dão certo. Até mesmo a possibilidade de a tentativa ser frustrada já evoca sentimentos evitativos.

Segundo Trindade e Enumo (2002), percorre o imaginário social a ideia de que o que validaria as relações familiares, em última instância, seriam as relações sanguíneas. Tais pensamentos acabam por reforçar os sentimentos de frustrações àquelas impedidas biologicamente de gestar, que veem a única forma de validação materna possível, ou ao menos a mais viável, através da gestação biológica. Isso faz com que optem inicialmente, em muitos casos decorrentes de pressão familiar ou de amigos, por utilizar-se de todo e quaisquer recursos que viabilizem a possibilidade de gerar intrauterinamente um filho.

CONCLUSÕES

Pensar sobre o processo de elaboração do luto pela infertilidade, bem como as repercussões biopsicossociais que atravessam as vivências da mulher-mãe adotante, pode favorecer intervenções no processo de adoção, tanto durante o período de habilitação das candidatas, quanto no período do estágio de convivência. Essas intervenções podem diminuir os altos índices de adoções malsucedidas (LINO, 2020).

Trata-se, portanto, de um tema urgente e necessário para que intervenções nos campos psicológicos, sociais, morais e éticos possam ser pensados, a fim de legitimar a mulher como mãe para além da lógica bioparental que confere o *status* de filho apenas àqueles que possuam ligação consanguínea. Ademais, partimos

da desconstrução da visão objetual da mulher como função reprodutora para pensar novas possibilidades de cuidados a mulheres que vivenciam a infertilidade.

REFERÊNCIAS

48

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, [1977] 2016.

FREUD, S. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In: _____. **A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263.

LEVY, L.; DIUANA, S.; PINHO, P. G. R. **O grupo de reflexão como estratégia de promoção de saúde com famílias adotivas**. *Mudanças-Psicologia da saúde*, v. 17, n. 1, p. 39-42, 2009.

LINO, M. V. **Crias de um [não] lugar: Histórias de criança e adolescentes devolvidos por famílias substitutas**. Curitiba: CRV, 2020.

MAHL, F. D. *et al.* **Expectativas e percepções sobre maternidade e filho ideal em mulheres que esperam pela adoção do primogênito**. 2011.

MAHL, F. D. *et al.* **O luto da gravidez perdida: infertilidade x adoção**. *Id on line Revista de Psicologia*, v. 5, n. 14, p. 62-71, 2011.

MODELLI, A. Levy, R. H. C. (2006). **Esterilidade sem causa aparente: possibilidades de intervenção**. In: R. M.

MOURA, S. M. S. R.; ARAÚJO, M. de F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004. São Paulo, São Paulo.

SIGAL, A. M. **A Psicanálise, o Feminino e sua relação com as Novas Técnicas de Reprodução Assistida**. *Estudos Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Anais*. Rio de Janeiro, 2003

TRINDADE, Z. A.; ENUMO, S. R. F. **Triste e incompleta: uma visão feminina da mulher infértil**. *Psicologia USP*, v. 13, n. 2, p. 151-182, 2002.

WEBER, L. N. D. **Aspectos Psicológicos da Adoção**. Curitiba: Editora Juruá, 2004.

ANÁLISE AMOSTRAL DA ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO AMBIENTE DE FARMÁCIAS E DROGARIAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Almeida, Raimundo Nonato P.¹⁸

Barros, Wesley de Marce R.¹⁹

Costa, Luiz Antônio da²⁰

Cunha Júnior, Edezio Ferreira da²¹

Ferreira, Joan F.²²

Silva, Walace Almeida da²³

49

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo avaliar ambientes de farmácias e drogarias na cidade do Rio de Janeiro sob a perspectiva dos farmacêuticos quanto às adaptações para Pessoas com Deficiência (PCD). A pesquisa foi respondida por 69 farmacêuticos e, dentre os entrevistados, 47,8% atuam em estabelecimentos da Zona Norte, 36,2% na Zona Oeste, 8,7% no Centro e 7,2% na Zona Sul. Evidencia-se a necessidade de profissionais treinados para lidar com a PCD, além da importância do farmacêutico no desenvolvimento de práticas que visem aproximar a PCD. Apesar de algumas adequações, essas práticas ainda distam da realidade para que esse paciente tenha tratamento digno e humanitário.

Palavras-Chave: Pessoa com Deficiência. Lei de Acessibilidade. Inclusão social.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei nº. 10.098 de 2000, a PCD (Pessoa com Deficiência) tem assegurado o direito à promoção da acessibilidade mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios, e nos meios de transporte e de comunicação. Complementando a referida Lei que estabelece as normas gerais e critérios

¹⁸ Graduando do Curso de Farmácia do Centro Universitário Celso Lisboa

¹⁹ Docente do Curso de Farmácia do Centro Universitário Celso Lisboa; Mestre em Ciências

²⁰ Docente do Curso de Biologia do Centro Universitário Celso Lisboa; Mestre em Ciências Biológicas

²¹ Docente da UFRJ, Campus Macaé; Doutor em Biologia Celular e Molecular

²² Graduando do Curso de Farmácia do Centro Universitário Celso Lisboa

²³ Graduando do Curso de Farmácia do Centro Universitário Celso Lisboa

básicos de promoção da acessibilidade, em 2015 foi instituída a lei de inclusão da PCD destinada a assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por PCD, visando à sua inclusão social e à cidadania.

50

De acordo com último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2010), aproximadamente 24% (45,6 milhões) da população brasileira possui ou sofre algum tipo de deficiência. No estado do Rio de Janeiro, segundo o referido censo, existem cerca de 3.900 PCD entre 18 a 69 anos de idade com pelo menos um tipo de deficiência. Consoante ao Relatório de Atividades Fiscais (RAF) do CRF-RJ de agosto de 2019, havia 2.820 estabelecimentos de farmácias e drogaria regulares excluindo-se farmácias públicas e farmácias hospitalares na cidade do Rio de Janeiro que não fazem parte do objeto deste estudo.

Diante do exposto e considerando-se o papel do farmacêutico no que concerne à promoção da saúde e igualdade dentro do ambiente de farmácia, é de suma importância a criação de novas iniciativas que possam, não somente atrair esse cliente, mas também fazê-lo sentir-se parte da sociedade. Dessa forma, este trabalho teve como objetivo avaliar de forma amostral a acessibilidade em ambientes de farmácias e drogarias no estado do Rio de Janeiro segundo as perspectivas do farmacêutico que nelas atuam.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se iniciou na construção de questionário adaptado do trabalho de Fidelis e Castro, de 2010. O questionário foi criado utilizando o aplicativo de gerenciamento de pesquisa *Google Forms*® com a finalidade de coletar dados e subsidiar a pesquisa de campo. A pesquisa ocorreu no período de março de 2020 a agosto de 2021, havendo a participação de 69 farmacêuticos que atuam em farmácias e drogarias no município do Rio de Janeiro. Os autores disponibilizaram o questionário através de grupos de farmacêuticos pelos aplicativos *WhatsApp*®, *Facebook*® e *Telegram*®.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa realizada foi respondida por 81 farmacêuticos que atuam profissionalmente em farmácias e drogarias, sendo que 69 atuam na cidade do Rio de Janeiro. Dentre os farmacêuticos entrevistados do Rio de Janeiro, 47,8% atuam em farmácias e drogarias na Zona Norte, 36,2% na Zona Oeste, 8,7% no Centro, e 7,2% na Zona Sul, conforme apresentado na Tabela 1.

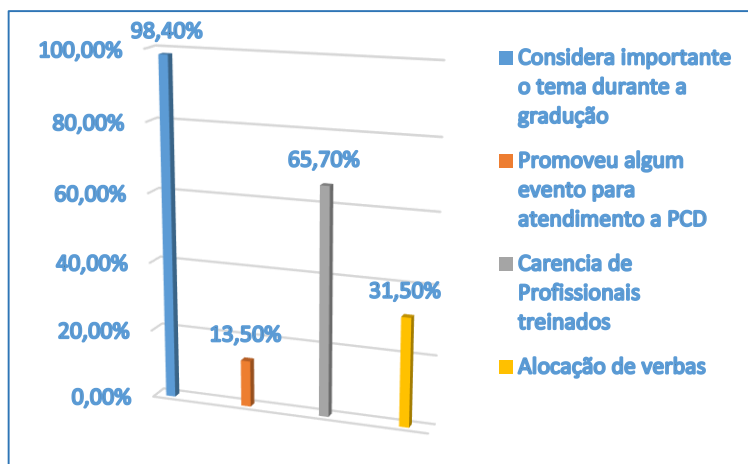
Tabela 1: Região demográfica dos entrevistados

REGIÃO	ENTREVISTADOS
ZONA SUL	5
ZONA NORTE	33
CENTRO	6
ZONA OESTE	25
Total de entrevistados	69

Fonte: questionário conduzido pelos autores via *Google Forms*©

Conforme os resultados apurados, 80% dos farmacêuticos não tiveram contato com material ou participou de eventos voltados ao atendimento de PCD durante sua graduação. De acordo com a pesquisa, 98,4% dos profissionais entrevistados consideram importante a abordagem sobre o tema durante a graduação, e apenas 13,8% já promoveu algum evento ou treinamento voltado para o atendimento de PCD durante sua vivência profissional como farmacêutico (Figura 1). De acordo com 67,5% dos farmacêuticos que participaram da pesquisa, a maior dificuldade para a adequação de sua unidade a fim de ofertar plena acessibilidade para pessoas com alguma deficiência ou mobilidade reduzida é a carência ou falta de profissionais treinados. Por fim, 31,3% acreditam que a falta de alocação de verbas para a realização das obras ou adaptações necessárias da unidade é a maior dificuldade.

Figura 1: Panorama de acessibilidade na percepção do farmacêutico



Fonte: questionário conduzido pelos autores via *Google Forms*©

O direito da Pessoa com Deficiência já é mais do que esclarecido e garantido conforme a Constituição, sendo assim imprescindível que estabelecimentos, quer sejam públicos ou privados, estejam adaptados para recebê-los com prestação de serviços de qualidade e que promovam equidade, algo que é direito de todo e qualquer cidadão. Em outro estudo, Mazzu-Nascimento e colaboradores (2020) apontam que há uma fragilidade na formação dos profissionais de saúde para o domínio da língua brasileira de sinais (Libras). Dentre as matrizes curriculares dos 5317 cursos avaliados, somente 43,1% ofereciam a disciplina de Libras, sendo que em 83,3% desses a referida disciplina é tida como optativa. Segundo Cunha e Vieira-da-Silva (2010), a acessibilidade aos serviços de saúde representa um importante componente de um sistema de saúde no momento em que se efetiva o processo de busca e obtenção do cuidado. Já a Lei 13.021/14 define que a farmácia é considerada um estabelecimento de saúde. Já NBR 9050 norteia de maneira clara e objetiva a adequação dos espaços. Todos esses dados corroboram o que previamente foi apurado conforme demonstrado na Figura 1 deste projeto.

CONCLUSÕES

Após análises dos dados, o presente estudo demonstra que, apesar de algumas adequações, ainda é necessário que se façam muitas adaptações nos estabelecimentos de farmácias objetivando proporcionar à PCD um ambiente adequado às suas necessidades. Evidenciam-se a urgência de haver mais profissionais capacitados para lidar com o público PCD e a importância da figura do farmacêutico no desenvolvimento de práticas e incentivos, que visem aproximar o paciente PCD aos estabelecimentos de farmácia, assegurando o que já é estabelecido em lei. Em outras palavras, um tratamento digno e humanitário. Ressalta-se que, independente da região da cidade, as dificuldades são as mesmas, independentemente da classe social, para o cliente PCD.

REFERÊNCIAS

ALBERS, C.; WOLFF, B. G.; BARTH, M.; RENNER, J. S. Acessibilidade para Usuários de Cadeira de Rodas em Estabelecimentos Comerciais: O Caso de Cidades Turísticas da Serra Gaúcha. LICERE - **Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**. 2020 Mar 18;23(1):213–38.

BRASIL. Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. IBGE. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>. Acesso em: 10 set. 2021.

CASTRO S. S.; LEFÉVRE, F.; LEFÉVRE, A. M. C.; CESAR, C.L.G.; Acessibilidade aos serviços de saúde por pessoas com deficiência. **Rev Saúde Pública**. 2011 Feb; 45:99–105.

CFF. RESOLUÇÃO Nº 662, DE 25 DE OUTUBRO DE 2018. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia>.

FIDELIS, M. E. A.; CASTRO, P. F. **Avaliação da Acessibilidade nas Escolas de Silva Jardim - RJ**. Instituto Benjamin Constant. 2010; (45):22.

LEI Nº 10.098, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em: 10 set. 2021.

LEI Nº 13.021, 8 DE AGOSTO DE 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13021.htm. Acesso em: 10 set. 2021.

LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 10 set. 2021.

MAZZU-NASCIMENTO, T.; MELO, D. G.; EVANGELISTA, D. N.; SILVA, T. V.; AFONSO, M. G.; CABELLO, J. *et al.* **Fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto à Língua Brasileira de Sinais: reflexo na atenção à saúde dos surdos.** *Audiol, Commun Res.* 2020. Dec 7; 25.

VIEIRA, C. M.; CANIATO, D. G.; YONEMOTU, B. P. R. Comunicação e acessibilidade: percepções de pessoas com deficiência auditiva sobre seu atendimento nos serviços de saúde. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde.** 2017. Jun 29;11(2).

A RELEVÂNCIA DE MATERIAIS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II NO RECONHECIMENTO DOS POVOS INDÍGENAS E AFRO-BRASILEIROS NO BRASIL COLÔNIA

*Araújo, Raphael Santos de*²⁴

*Oliveira, Lucas Soares de*²⁵

*Oliveira, Márcio Fernando de*²⁶

*Santos, Aryanne Faustina Ferreira dos*²⁷

55

RESUMO

Fundamentado nas Leis 10.638/03 e 11.645/08, o presente projeto analisou a importância do ensino e da valorização de narrativas sobre os povos afro-brasileiros e indígenas no Brasil colonial, em especial nos livros didáticos. Em seguida, a partir desta análise, houve a produção de diversos materiais focados nestas temáticas. Durante o projeto foram elaborados jogos, panfletos e *podcasts* como formas interativas de ensino que ultrapassam o âmbito escolar, atingindo outras camadas de vivências e aprendizado.

Palavras-chave: Ensino de História. Indígenas. Afro-brasileiros.

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, onde ainda estão em debate questões raciais no Brasil - em especial as pautas indígenas e afro-brasileiras -, há certa preocupação com a preservação da memória histórica desses povos. Logo, é importante lembrar que esses grupos tiveram um importante papel na construção do país que hoje conhecemos. Além disso, entendemos que o ambiente escolar é de extrema necessidade para a formação de um cidadão ativo e participativo em sua sociedade, sendo também um valioso espaço de interação. Dessa forma, este projeto observou de quais maneiras diferentes livros didáticos do 7º ano do Ensino Fundamental II abordavam as temáticas indígena e afro-brasileira, como previsto

²⁴ Graduado em História pelo Centro Universitário Celso Lisboa

²⁵ Graduado em História pelo Centro Universitário Celso Lisboa

²⁶ Graduado em História pelo Centro Universitário Celso Lisboa

²⁷ Docente da Escola de Formação de Professores do Centro Universitário Celso Lisboa; Mestre em História

nas Leis 10.639/03 e 11.645/08, produzindo assim materiais didáticos a partir destas análises.

METODOLOGIA

56

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa quantitativa e qualitativa de diversos livros didáticos (referentes ao 7º ano do Ensino Fundamental II), pela qual foram formuladas tabelas para mensurarmos de que forma esses livros abordam assuntos ligados aos indígenas ou afro-brasileiros durante os séculos referentes ao período colonial. Com essa análise se observou, em alguns momentos, uma desvalorização de importantes personagens históricos indígenas e afro-brasileiros, em contraponto às narrativas a respeito dos viajantes e colonizadores.

Partindo das análises feitas, buscamos atender às ausências observadas nos livros didáticos. Para isso, foram pensadas estratégias para oferecer materiais de leitura, produções de áudio e entretenimento que contemplassem personagens ou eventos históricos de devida importância para a compreensão das culturas indígenas e afro-brasileira, visando seguir as Leis 10639/03 e 11645/08. Desta forma, nossa produção é composta por panfletos, jogos e *podcasts*.

Para a confecção dos panfletos informativos, foram planejados onze materiais, sendo seis abordando a temática indígena e cinco a temática afro-brasileira. Alguns dos personagens selecionados foram: Araribóia, Catarina Paraguaçu, Filipe Camarão, Ganga Zumba e Aqualtune. Já no que tange aos eventos, podemos citar a Guerra Guaranítica e a Revolta do Engenho de Ilhéus.

Os folhetos foram produzidos para que pudessem atender às demandas de turmas do Ensino Fundamental II, com a proposta de utilizar uma paleta de cores atrativa e variada, com imagens, curiosidades e glossários. Com o objetivo de assegurar ao docente um material com informações precisas, cada panfleto conta com, no mínimo, três referências bibliográficas. Dessa forma, o leitor sempre pode acessar os artigos de onde foram retiradas as informações contidas no material.

Todos os materiais produzidos nesse projeto são acompanhados de um manual de sugestões para o docente, trazendo opções de como utilizá-los dentro e fora da sala de aula. Em todos os tipos de materiais entende-se a necessidade de construir uma ponte que venha a intermediar o conhecimento produzido nas últimas décadas a respeito destes povos e o material com o vocabulário dos alunos do Ensino Fundamental II, além de auxiliar a aplicação das leis supracitadas.

Entendido isso, podemos abordar a produção dos *podcasts*, que possuem linguagem simples e acessível, ao falar sobre casos como o de Tereza de Benguela, mulher preta, escravizada e rainha no Quilombo do Carité. Também há o exemplo de Filipe Camarão, indígena que recebeu premiações da Coroa portuguesa por ajudar a expulsar os holandeses do nordeste da colônia.

Vale ressaltar que o *podcast* possui uma versão escrita, para educandos com deficiência auditiva²⁸. Esse projeto e suas produções não tiveram como objetivo desqualificar a escola ou os livros didáticos, pois consideramos que ambos possuem uma função social e econômica importante. O “*Histórias do Barba*”²⁹, por sua vez, busca utilizar a tecnologia para instigar a curiosidade do aluno e o trabalho em grupo, visando dialogar com uma das variadas formas de contato com o conteúdo e, até mesmo, algum documento histórico que possa ser trabalhado pelos professores (MICKUCZ, 2017:1 - 6).

Finalmente, abordaremos os jogos que, assim como os outros recursos pedagógicos produzidos, aparecem com suas facetas flexíveis disponíveis para o professor, notado que a produção escolar não só auxilia no ensino de História, mas também produz o conhecimento histórico (SILVA, FONSECA, 2010: 14). E quando se “identifica que os jogos permitem que o indivíduo possa vivenciar um fragmento de espaço e tempo característicos da vida real em um contexto ficcional

²⁸ O material ainda precisa passar por uma revisão textual

²⁹ Nome conferido ao *podcast*

e controlado” (FADEL, ULBRICHT, VANZIN, 2014: 13), surgem inúmeras possibilidades de unir o conhecimento com atividades gamificadas.

Os exemplos dessa união surgem nos jogos de tabuleiro, “Jornada pela Liberdade” e “Aventuras em França Antártica”, em cujo percurso há diversos locais da época, sendo eles tão imersivos que interagem tanto com a lógica do jogo, quanto com os alunos envolvidos. Durante o jogo, os alunos respondem a diversas questões, se aventuram em “festas de brancos” e povos rivais, e também trocam objetos, negociam e aprendem. Os formatos dos jogos variam, havendo: dois de tabuleiros, um jogo de cartas com perguntas e respostas, um caça palavras e uma roleta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Consideramos alcançados os objetivos que foram estabelecidos no início deste projeto, tendo em vista que foram reunidos livros didáticos suficientes para que fossem feitas as análises e diagnósticos. Em seguida, seguimos para a produção dos nossos materiais que, posteriormente, foram levados a uma oficina de validação.

Logo, com todos os dados que foram coletados, o objetivo a longo prazo consistiu na produção de variados materiais didáticos que suprissem as carências encontradas nos livros analisados. Entendemos que a utilização de diferentes tipos de mídias dentro do campo educacional é fundamental, pois seu intuito deve ser a imersão do aluno no conteúdo – no caso desse trabalho, o ensino sobre as histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas no período colonial.

Optamos pela produção de folhetos informativos, *podcasts* e jogos, elaborando-os de forma a dialogar entre si e, ao mesmo tempo, sem a exigência que o docente faça uso de todo o material produzido. Logo, o professor poderá utilizar apenas os materiais que achar pertinentes.

A “Oficina de Validação dos Materiais Didáticos”, realizada no mês de outubro de 2021, consistiu num evento com diferentes convidados: professores de História

atuantes no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, mestres, doutorandos e, até mesmo, alunos egressos do curso de História da nossa instituição. Todos contribuíram com a análise e a revisão dos três tipos de produtos que confeccionamos e, após a oficina, os materiais sofreram as devidas alterações.

CONCLUSÃO

Criar relações entre alguns povos e debater sobre seus estereótipos em sala de aula está se tornando cada vez mais fundamental. O crescimento da educação construtivista e sua filosofia da construção do saber coletivo, aluno e professor, torna cada vez mais essas pautas relevantes em sala de aula. Ao fazer uso das ferramentas criadas nessa pesquisa, o professor terá outros elementos que poderão auxiliá-lo no ensino da história dos povos indígenas e afro-brasileiros no Brasil colônia.

Os produtos feitos conseguem ser flexíveis com a necessidade do professor, além de estimular o ensino de História fora da sala de aula e do ambiente escolar. Logo, entendemos que nosso projeto poderia, de alguma forma, servir como uma opção gratuita e acessível para a prática docente.

REFERÊNCIAS

FADEL, L. M.; ULBRICHT, V. R.; BATISTA, C. R.; VANZIN, T. ORG. **Gamificação na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014. 300p.

60 JÚNIOR, H. C. de M; MICKUCZ, P. R. SEMINÁRIO EDUCACIONAL PIBID/UNISINOS, II., 2017, Campus São Leopoldo - RS. **Coloque seus fones de ouvido, está no ar: a utilização de podcasts no ensino de História**. [...]. Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2017. 6 p. v. II.

ORIÁ, R. **Memória e ensino de História**. In: Bittencourt, Circe (Org.). O saber histórico na sala de aula.ed. 7. São Paulo: Contexto, 2002.

Projeto de Iniciação Científica Universidade Celso Lisboa - **Protagonismos indígena e afro-brasileiro no brasil colônia e produção de materiais didáticos, I.**, 2021, Rio de Janeiro - *Plataforma Teams*®. Oficina de Validação de Materiais Didáticos [...]. [S. l.: s. n.], 2021.

SILVA, M. A.; FONSECA, S. G. Ensino de hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**, vol. 30, nº 60. Dez, 2010.

AS CONTRIBUIÇÕES DA EXPEDIÇÃO SPIX-MARTIUS PARA O ESTUDO DA BIODIVERSIDADE BRASILEIRA DE AVES: PERSPECTIVAS ATUAIS

*Bogéa, Tami Helena Pestana*³⁰

*Ludolff, Víncius Henrique Martins*³¹

*Mello, Ana Carolina Barros*³²

*Soares, Gabriella Aguiar de Souza*³³

*Souto, Gabriele Rodrigues*³⁴

61

RESUMO

Os viajantes naturalistas tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento das ciências no Brasil. Suas contribuições são uma passagem obrigatória para a compreensão e o estudo de diversas temáticas. Nesse cenário, para o campo das Ciências Biológicas, dois naturalistas destacaram-se no estudo da fauna e da flora no Brasil: o zoólogo Johann Baptist von Spix e o botânico Carl Friedrich Philip von Martius. Eles realizaram uma expedição pelo país entre 1817 e 1820. Durante a expedição, diversas espécies foram coletadas e descritas pelos naturalistas. O presente trabalho visa apresentar uma lista taxonômica atualizada das espécies de aves descritas originalmente por Spix.

Palavras-chave: Avifauna. Biodiversidade. Ciências Biológicas. Naturalistas. Taxonomia.

INTRODUÇÃO

Do século XV ao século XIX, os registros faunísticos em terras brasileiras eram feitos de modo informal, em virtude da carência de cunho científico para a época. Este quadro começa a mudar a partir de 1807 quando, em razão do avanço das tropas napoleônicas em Portugal, a família real sentiu-se obrigada a fugir para o Brasil em busca de proteção, iniciando um período de grandes transformações. Em 1808, na chegada dos portugueses ao Rio de Janeiro, D. João VI decretou a abertura dos portos brasileiros para as nações aliadas de Portugal. A partir disso, o império passou a receber a visita de viajantes naturalistas, principalmente da

³⁰ Docente do Curso de Biologia do Centro Universitário Celso Lisboa; Doutora em Zoologia

³¹ Graduando do Curso de Biologia do Centro Universitário Celso Lisboa

³² Graduanda do Curso de Biologia do Centro Universitário Celso Lisboa

³³ Graduanda do Curso de Biologia do Centro Universitário Celso Lisboa

³⁴ Graduanda do Curso de Biologia do Centro Universitário Celso Lisboa

Europa, que buscavam explorar essa terra e vislumbrar sua biodiversidade. Dentre os principais naturalistas que visitaram o Brasil nesse tempo estão o francês Auguste de Saint Hilaire, o russo Georg Heinrich von Langsdorff, e o alemão Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt.

Mas, em 1815, uma grande expedição científica estava sendo preparada. O rei da Baviera Maximilian Joseph I solicitou à Academia de Ciências de Munique que organizasse uma expedição para a América do Sul. Esta expedição faria parte do cortejo da arquiduquesa austríaca, D. Leopoldina, que viria a se casar com o herdeiro do Reino de Portugal, Brasil e Algarves, o príncipe D. Pedro de Alcântara.

A comitiva, liderada pelo zoólogo Johann Baptist von Spix e o botânico Carl Friedrich Philipp von Martius, partiu da cidade do Rio de Janeiro em julho de 1817, desbravando inicialmente o bioma Mata Atlântica. Posteriormente, seguiu pelos estados de São Paulo, Minas Gerais (Caldas Novas e o rio São Francisco), terminando o primeiro ano da expedição na Bahia (Salvador, Ilhéus e Juazeiro). Logo após cruzarem a Caatinga, passando pelos estados de Pernambuco e Piauí, os naturalistas chegaram ao Cerrado no Maranhão (São Luís) e no Pará (Belém e Ilha de Marajó). Depois, seguindo os rios Amazonas, Xingu e Tapajós, exploraram o bioma Amazônia (Manaus e Tefé) pelo rio Solimões.

Na Amazônia, a comitiva dividiu-se em dois grupos. O primeiro grupo seguiu os rios Solimões e Negro, coletando espécies até o Peru. O segundo grupo seguiu pelo rio Japurá, encontrando aldeias de povos indígenas, como o povo Miranha. As equipes reencontraram-se em Manaus em março de 1820. Em julho, os naturalistas voltaram para a Europa após percorrerem mais de 10.000 km em solo brasileiro, sendo considerada uma das maiores e mais importantes expedições do século XIX.

Durante a expedição, foram coletados exemplares de animais vivos e mortos, plantas, diversos minerais e objetos etnográficos. Sobre a fauna brasileira, catalogaram em torno de 85 espécies de mamíferos, 130 de anfíbios, 116 de peixes, 2.700 de insetos, 80 de aracnídeos, 80 de crustáceos e 350 de aves. Para

a flora, catalogaram em torno de 6.500 espécies de plantas que constituíam um herbário de mais de 20.000 exemplares. Sendo assim, todos os exemplares que foram coletados, biológicos ou não, partiram para a Europa. Além disso, 2 crianças indígenas também foram transportadas para a Europa. Após o retorno, Spix e Martius publicaram o relato da expedição em “Viagem pelo Brasil nos anos 1817 a 1820: Empreendida pelo Comando de Sua Majestade o Rei da Baviera”, em tradução livre (SPIX; MARTIUS. 1824-1825), associado com um atlas e vários catálogos específicos com a descrição de diversas espécies desconhecidas para a ciência da época.

Desde a publicação da obra “Viagem pelo Brasil”, algumas revisões taxonômicas foram lançadas e outras estão sendo elaboradas. No campo da Zoologia, os seguintes filos foram revisados, Mollusca (COWIE; CAZZANIGA; GLAUBRECHT, 2004), Arthropoda com ênfase na classe Insecta, trabalho em andamento e Chordata com ênfase na classe Mammalia (HETEREN; KRAFT, 2019). Esses trabalhos podem fornecer dados importantes sobre as sinonímias das espécies, originando revisões taxonômicas relevantes. No entanto, atualmente, não existem trabalhos de revisões com ênfase em Aves, portanto, faltam dados sólidos sobre essas espécies no campo da Ornitologia.

O objetivo principal desse trabalho é apresentar uma lista taxonômica atualizada das espécies de aves descritas originalmente no livro *Avium species novae, quas in itinere per Brasiliam annis MDCCCXVII-MDCCCXX jussu et auspiciis Maximiliani Josephi I. Bavariae Regis. tomo II*. No entanto, o referido trabalho encontra-se anexado em um projeto de amplitude superior que objetiva o fornecimento de uma revisão taxonômica atualizada para todas as espécies de aves coletadas e registradas durante a expedição Spix-Martius no Brasil, compreendendo os dois volumes publicados, isto é, *tomos I e II*.

METODOLOGIA

A estratégia metodológica dividiu-se em três etapas. Na primeira, compilamos a lista das espécies de aves descritas pelo Spix com base nos dois volumes

originalmente publicados para essa categoria. Sendo assim, pesquisamos também informações adicionais sobre a nomenclatura científica original, autoridade, ano de publicação e localidade tipo da espécie. Obtivemos estes dados em consulta ao acervo bibliográfico da “Biodiversity Heritage Library”, Biblioteca do Patrimônio da Biodiversidade, em tradução livre (<https://www.biodiversitylibrary.org/>), assim como em outras bases de dados.

Na segunda, realizamos uma pesquisa para identificar sinônimos e homônimos de cada espécie registrada, utilizamos diversas bases de dados para esta finalidade. As bases “Integrated Taxonomic Information System” (ITIS), Sistema Integrado de Informações Taxonômicas, em tradução livre (<https://www.itis.gov/>), “Catalogue of Life” (CoL), Catálogo da Vida, em tradução livre (<https://www.catalogueoflife.org/>), “Global Biodiversity Information Facility” (GBIF), Mecanismo Global de Informação sobre Biodiversidade, em tradução livre (<https://www.gbif.org/pt/>), “Avibase” (<https://avibase.bsc-eoc.org/avibase.jsp>), “WikiAves” (<https://www.wikiaves.com.br/>) e o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO) (<http://www.cbro.org.br/>), foram utilizadas para a consulta de informações específicas para as diferentes ordens de aves.

Na terceira, verificamos as informações sobre as revisões bibliográficas disponíveis para cada espécie, especialmente a lista atualizada de espécies brasileiras emitida pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos em 2015 (CBRO, 2015). Porém, essa etapa do trabalho encontra-se em andamento, uma vez que não foram encontrados os dados necessários para todas as espécies.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, foram concluídas as revisões das famílias Ampelides e Gallinae. Um total de 22 espécies foram originalmente descritas por Spix para estas famílias.

A família Ampelides atualmente desdobra-se nas famílias Cotingidae e Pipridae. A família Cotingidae não contém espécies válidas das duas originalmente descritas pelo Spix. Já a família Pipridae apresenta 1 espécie válida das 6 espécies originalmente descritas. A família Gallinae atualmente encontra-se

inválida. Ela é atualmente reconhecida como família Cracidae e 14 espécies foram originalmente descritas pelo Spix. Desse total, somente 9 espécies ainda são consideradas válidas.

65

Assim, dentre as 22 espécies investigadas, 10 continuam com a nomenclatura original proposta inicialmente pelo Spix. Esse resultado reflete aproximadamente 45% da amostra total, uma realização notável, uma vez que as descrições foram realizadas a quase 200 anos atrás.

CONCLUSÕES

Os principais desafios do presente estudo são a ausência de informações sobre o status taxonômico das espécies bem como sobre o estado de conservação atual das espécies. Muitas das espécies originalmente descritas por Spix estão sob ameaça de extinção ou foram declaradas extintas, em razão das lacunas de dados ao longo dos anos.

Sendo assim, a obtenção desses dados permite a criação de estratégias para a análise dos fatores que são responsáveis pela vulnerabilidade de uma determinada espécie e, em seguida, a busca pelas soluções dos problemas que estejam ameaçando a sobrevivência de uma espécie em estudo. Para tal propósito, estamos trabalhando para alcançar um desempenho satisfatório em relação aos objetivos do projeto, traçando táticas para a conquista desses resultados. Uma delas é o estabelecimento de parcerias e colaborações com pesquisadores que estão dedicados ao estudo das aves. Nesse caso, pretende-se estabelecer contato com os pesquisadores associados ao CBRO para a confirmação do status atual de cada uma das espécies listadas. O trabalho encontra-se em andamento e antecipa-se sua conclusão para fevereiro de 2023.

REFERÊNCIAS

CBRO [Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos]. **Lista das Aves do Brasil**. 12ª Edição, 2015. Disponível em: <http://www.cbro.org.br/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

66

COWIE, R. H.; CAZZANIGA, N. J.; GLAUBRECHT, M. The South American Mollusca of Johann Baptist Ritter com Spix and their publication by Johann Andreas Wagner. **The Nautilus**, 118(2): 71-87, 2004.

HETEREN, A. H. van; KRAFT, R. Spix's type specimens of Neoteopical primates at the Bavarian State Collection of Zoology: a revision with reference to the currently recognised species (Mammalia, Primates, Platyrrhina). In: **Spixiana**, München, 42(1): 141-160, 2019.

SPIX, J. B. von; MARTIUS, C. F. P. von. *Avium species novae, quas in itinere per Brasiliam annis MDCCCXVII-MDCCCXX jussu et auspiciis Maximiliani Josephi I. Bavariae Regis. tomos I e II. Impensis Editoris*, Typis Franc. Seraph. Hübschmanni, *Monachii*, 1824-1825.

METODOLOGIA ATIVA NO ENSINO DA ANATOMIA FUNCIONAL

*Aragão, Yan Marques*³⁵

*Fernandes, Marcius de Mattos*³⁶

*Leite, Marcelo da Silva*³⁷

*Lopes, Diogo Franco*³⁸

*Pereira, Joyce Fernandes*³⁹

*Reis, Gláucia de Melo*⁴⁰

*Silva, Davi Jeronimo da*⁴¹

67

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi desenvolver e avaliar uma estratégia lúdica para o ensino da Anatomia funcional através de dinâmicas em ginásios ou quadra poliesportivas. A análise das avaliações e questionários aplicados a dois grupos experimentais (um que vivenciou o modelo de dinâmica proposto, e outro que não vivenciou o modelo proposto) permite sugerir que a dinâmica melhora a fixação de conceitos e conhecimento de Anatomia, desenvolve a habilidade do trabalho em equipe, aumenta a percepção do aluno como protagonista na construção do seu conhecimento, além de aumentar a motivação do estudante no aprendizado de Anatomia.

Palavras-chave: Anatomia funcional. Metodologia ativa. Sistema cardiovascular.

INTRODUÇÃO

O trabalho abordou um tema relevante e de grande impacto socioeconômico: o uso de metodologias ativas para o ensino de Anatomia Funcional. No contexto da educação, uma das questões fundamentais nos dias atuais é como preparar os alunos para os novos desafios que a sociedade moderna impõe. Segundo Santos (2017), transmitir informações apenas pelo processo de recepção passiva, pelo

³⁵ Biólogo graduado pelo Centro Universitário Celso Lisboa

³⁶ Enfermeiro graduado pelo Centro Universitário Celso Lisboa

³⁷ Graduando do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Celso Lisboa

³⁸ Enfermeiro graduado pelo Centro Universitário Celso Lisboa

³⁹ Graduanda do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Celso Lisboa

⁴⁰ Docente dos Cursos de Saúde do Centro Universitário Celso Lisboa; Doutora em Ciências Biológicas

⁴¹ Docente dos Cursos de Saúde do Centro Universitário Celso Lisboa; Especialista em Anatomia e Biomecânica do Sistema Locomotor

qual o professor é o centro do processo educacional, e ao aluno cabe receber passivamente os conteúdos ministrados, não atinge mais os objetivos exigidos pela educação na contemporaneidade. De fato, ainda hoje, em muitas salas de aula, o que se percebe em relação ao processo ensino aprendizagem é a transmissão passiva e exaustiva de extensos conteúdos, sem a consequente construção de conhecimentos pelo estudante. Esse desafio também se faz muito presente no ensino da Anatomia Funcional.

A anatomia é a pedra angular no aprendizado dos alunos da área da Saúde (FORNAZIERO *et al.*, 2009), fundamental para sua futura prática profissional. O ensino tradicional da Anatomia tem se baseado na simples memorização dos termos anatômicos. Do ponto de vista do aluno, o aprendizado se torna cansativo, monótono e desvinculado da futura prática profissional, independente do curso de graduação escolhido (EDLER & FRÓES da FONSECA, 2005; FORNAZIERO & GIL, 2003). Muitas vezes o aluno só consegue entender a importância do tema quando inicia os estágios finais ou a prática profissional. Diante desse cenário, as Instituições de Ensino Superior devem repensar o ensino da Anatomia, a fim de corresponder às expectativas deste novo contexto educacional, com ênfase em um conhecimento multidisciplinar, translacional, integrando teoria e prática, ciências básicas e aplicadas, gerando profissionais com um perfil mais aberto e ético, e capazes de solucionar problemas (MINAYO & COIMBRA, 2005). Assim, o objetivo do presente estudo foi desenvolver e avaliar uma estratégia lúdica para o ensino da Anatomia funcional do sistema cardiovascular através de dinâmicas em ginásios ou quadra poliesportivas.

METODOLOGIA

A amostra desta pesquisa foi integrada por 650 alunos de graduação de cursos da área de saúde, do 1º e 2º períodos (entre 18 e 62 anos) do Centro Universitário Celso Lisboa, da Universidade Estácio de Sá, e das Faculdades Integradas Norte do Paraná (UNOPAR), no Rio de Janeiro. As turmas foram randomicamente divididas em dois grupos. Um que corresponde ao controle negativo, constituído por 320 alunos, os quais participaram das aulas teórica e prática, mas não

vivenciaram a dinâmica em quadra. E outro grupo experimental, composto por 330 alunos, os quais além de participar das aulas teórico-prática, vivenciaram a dinâmica em quadra. A intervenção pedagógica com a aplicação da dinâmica foi realizada em quadra poliesportiva ou ginásios durante o período de 45-50 minutos, sendo implementada da seguinte forma: os pesquisadores e professores convidaram os estudantes a formar um círculo na quadra e, em seguida, se dispuseram formando a estrutura morfológica do coração, com alguns estudantes representando a parede dos átrios e ventrículos, os septos interventricular e interatrial, as valvas atrioventriculares direita e esquerda, bem como as valvas semilunares aórtica e pulmonar. Outros estudantes, portando bandeiras plásticas de cor azul ou vermelha, representavam, respectivamente, o sangue venoso e arterial. Durante a dinâmica, os estudantes representavam a pequena e a grande circulação, o ciclo cardíaco, o complexo estimulante do coração e etc.

Todos os grupos experimentais foram submetidos a um pré-teste e, após a aula, um pós-teste para verificação do conhecimento sobre o tema da aula. Posteriormente, foram convidados a responder um questionário, de maneira voluntária e anônima, pelo qual eram arguidos sobre suas percepções sobre protagonismo na construção do conhecimento, desenvolvimento de habilidades em trabalho em equipe e colaborativo, e motivação no aprendizado de Anatomia funcional do sistema cardiovascular.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisadas as médias das notas dos alunos pertencentes aos dois grupos experimentais, no pré-teste e pós-teste. Esse procedimento, conforme ilustrado na Figura 1, permitiu observar que no pré-teste o grupo controle apresentou uma média de 3,1 e o grupo experimental obteve média de 3,3. No entanto, no pós-teste a média do grupo controle elevou-se para 6,6, e a do grupo experimental para 8,9. Com relação à percepção como peça ativa de seu aprendizado de Anatomia funcional, no grupo experimental 280 tiveram a percepção de serem os protagonistas de seu aprendizado. Ao passo que no grupo controle, 215 alunos não relataram a mesma percepção (Figura 2). Quanto à percepção sobre o

desenvolvimento de trabalho colaborativo durante o aprendizado, no grupo experimental 295 alunos relataram a percepção de tal desenvolvimento de trabalho colaborativo, já no grupo controle, apenas 20 alunos relataram a mesma percepção (Figura 3). Finalmente, foi possível observar que comparativamente, o grupo experimental relatou maior motivação para aprender Anatomia que o grupo controle. No grupo experimental, 238 alunos relataram motivação para o aprendizado enquanto no grupo controle, apenas 82 relataram motivação ao aprendizado sobre o tema (Figura 4).

Figura 1: Avaliação da fixação do conhecimento teórico através da comparação das notas dos grupos experimentais nos pré e pós testes.

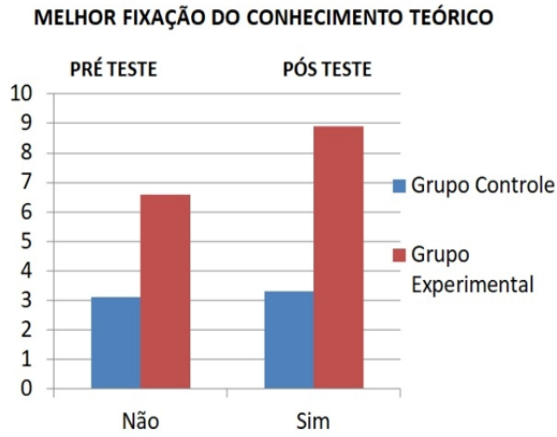


Figura 2: Comparação entre os grupos experimentais sobre a percepção do aluno como peça ativa de seu aprendizado.



Figura 3: Comparação entre os grupos experimentais sobre a percepção de desenvolvimento de trabalho colaborativo na construção de seu aprendizado.

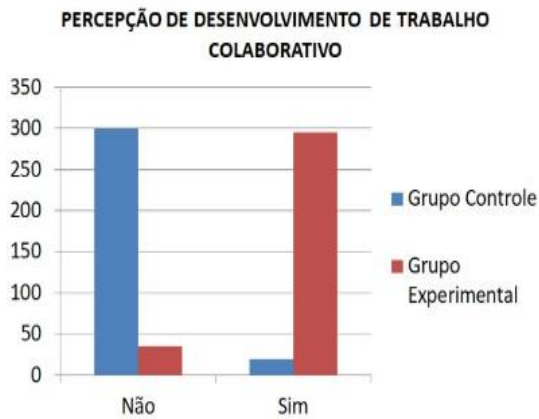


Figura 4: Comparação entre os grupos experimentais sobre a motivação do estudante no aprendizado da Anatomia.



Fonte: pesquisa conduzida pelos autores

O conjunto desses resultados permite inferir que o desenvolvimento da dinâmica em quadra ou ginásio esportivo proporcionou melhor fixação de conceitos e conhecimento teórico sobre o tema, aumentou a percepção dos alunos como protagonistas na construção do conhecimento, permitiu o desenvolvimento do trabalho colaborativo, e motivou significativamente os estudantes para o aprendizado da Anatomia, quando comparados aos alunos que não vivenciaram a dinâmica.

Os estudantes e professores que participaram da dinâmica ainda relataram como pontos positivos: (a) a possibilidade de abordar diferentes temas dentro da mesma dinâmica; (b) o desenvolvimento de habilidades de trabalhar em equipe; (c) a resolução de problemas; (d) a possibilidade de integrar o conteúdo abordado com conhecimentos de outras disciplinas, como Histologia, Biologia celular e molecular, Fisiologia e Patologia; (e) a maior desinibição dos estudantes durante a dinâmica, melhorando a qualidade das discussões sobre o tema e do feedback aos professores.

Uma grande vantagem do método proposto é a ampla aplicabilidade com baixo custo, o que garante a reprodução do mesmo para distintos públicos-alvo. Adicionalmente, a proposta da dinâmica permite fácil adaptação para ensino de diferentes disciplinas para diversos públicos, incluindo, portanto, o Ensino Médio e o Ensino Fundamental, apoiando o papel das Universidades e Centros Universitários no tripé de ensino, pesquisa e extensão, contribuindo com a produção e a disseminação de conhecimentos.

CONCLUSÃO

O presente estudo permite sugerir, pela primeira vez, que a aplicação da dinâmica representando o sistema cardiovascular no ensino da Anatomia funcional melhora a fixação de conceitos e conhecimento de Anatomia, aumenta a percepção do aluno como protagonista na construção do seu conhecimento, melhora o desenvolvimento da habilidade do trabalho colaborativo e em equipe, e aumenta a motivação do estudante no aprendizado da Anatomia.

REFERÊNCIAS

EDLER, F.; FRÓES da FONSECA, M. R. **Cadernos Abem**, volume 2, 2005.

EDLER, F.; FRÓES da FONSECA, M. R. **Cadernos da Abem – História da Educação Médica**, vol. 2, pp. 6-26, 2002.

FORNAZIERO, C. C.; GIL, C. R. R. **Rev. Bras. Educ. Med.**, 27(2), 2003.

FORNAZIERO, C. C.; GORDAN, P. A.; CARVALHO, M. A. V.; ARAÚJO, J. C.; AQUINO, J. C. B. **Rev. Bras. Educ. Med.**, 34 (2) : 290–297; 2009.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA Jr., C. E. **Manguinhos/RJ: Fiocruz**, p. 708, 2005.

SANCHO, J. M. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 1998.

SANTOS, J. W.; BERNARDINO Jr, R.; NARCISO, A. S.; VILARINHO, G. S.; FRANÇA, G. L. M. **Ensino Em Re-Vista**, volume.24 (02), 2017.